

## EDITORIAL

Prezadas(os) leitoras(es),

Tendo nascido em 2014, criada pelos professores Manuel Domingos Neto (UESPI), então presidente da Associação Brasileira de Estudos de Defesa (ABED), e Eduardo Svartman (UFRGS), como Editor Executivo, a Revista Brasileira de Estudos de Defesa (RBED) chega agora ao seu quarto volume. A revista, uma demanda antiga de nossos pares, nesses menos de quatro anos já se consolidou como um *locus* de debates de qualidade e multidisciplinar sobre os Estudos de Defesa.

Mesmo atravessando um período de “vacas magras” para o ensino, pesquisa e inovação superiores no país, os esforços da ABED para o amadurecimento da produção científica de nossa área veem na RBED um veículo cada vez mais lembrado e prestigiado por nossos pares no Brasil e no mundo – particularmente por nossos vizinhos sul-americanos. Se a qualidade dos trabalhos pôde ser vista desde o primeiro momento, a gestão da revista se aprimora a cada nova edição.

Este volume 4, número 1 (2017), já representa uma nova etapa para a RBED, mais profissional e orientada para conferir maior dinamismo e qualidade editorial à nossa revista. A partir de agora, passamos a ter uma plataforma própria, ligada ao sítio da ABED, sob contrato com a Lepidus Tecnologia. Nosso endereço permanente passa, a partir de agora, a ser: <https://rbed.abedef.org>.

Também apresentamos, junto com a plataforma, a nova identidade visual da RBED, desenvolvida por João Paulo Cavazzani Bosso, estudante de Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina, a quem agradecemos pela disponibilidade e pelo belo trabalho realizado, trazendo à revista um visual mais limpo e condizente com o novo momento da RBED. Em linha com as principais revistas acadêmicas do Brasil e do mundo, buscando maior sustentabilidade e alcance, a partir de agora a nossa revista será publicada exclusivamente *online*.

Agradecimentos especiais devem ser também reiterados à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que hospedou, pelo sistema SEER UFRGS, Portal de Periódicos Científicos da universidade, o site da RBED até este novo volume. Este empréstimo institucional de seu espaço foi apenas possível pelos esforços do já mencionado professor Eduardo Svartman, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos da UFRGS, e de

Paula S. Moizes, estudante de Jornalismo da universidade à época da criação da revista, e que atuou como editora assistente nas primeiras edições – a ambos, o nosso muito obrigado.

Este número da RBED é aberto com dois ensaios. O primeiro deles, de Nascimento e Fialho (2017), propõe a alteração das atividades de inteligência sob responsabilidade do Ministério da Defesa brasileiro. Trazendo robustas localizações legal e institucional dos serviços de inteligência no país, os autores partem da estrutura de nossas instituições e dos documentos públicos do país para o setor, com destaque para a Política Nacional de Inteligência, de 2016, sobre a qual há ainda pouca literatura crítica.

Já o segundo ensaio, menos normativo, mas não menos conjuntural, avalia o problema das indefinições nas classificações de conflitos, a partir de esclarecimentos da teoria clausewitziana da guerra. Dall’Agnol e Dornelles Jr. (2017) apresentam a confusão que, segundo ambos, é feita frequentemente entre guerra local x guerra limitada e guerra total x guerra absoluta. É particularmente importante o didatismo da exposição final que diferencia as guerras locais das guerras centrais feita pelos autores.

Em seguida, a seção de artigos vem com uma atenção em estudos regionais, com o foco na Ásia e nos dois principais aliados do Cone Sul: Argentina e Brasil. Começando pelos últimos, Silvestre e Winand (2017) estudam o Conselho de Defesa Sul-americano (CDS) a partir das identidades estratégicas dos dois países. O argumento apresentado é que a imprecisão e indefinição dos planos de trabalho, partindo de percepções distintas de Argentina e Brasil, dificulta – senão impossibilita – uma cooperação regional em defesa pelo CDS. O artigo é resultado da premiação de melhores trabalhos dos ERABEDs 2015, apresentado em mesa especial no ENABED 2016 e, agora, robustecido em sua versão final para a RBED.

Aprofundando em dois estudos sobre as Forças Armadas argentinas, Poczynok (2017) traz um recorte histórico sobre as doutrinas de guerra e de inteligência militar do país entre 1948 e 1983, enquanto Anzelini (2017) debruça-se sobre a missão das Forças da Argentina na contemporaneidade. Poczynok (2017) busca compreender quais foram as variáveis domésticas que orientaram a formação da doutrina dos serviços de inteligência militar argentinos no período de vigência da Doutrina de Defesa Nacional, publicada em 1948, e a Doutrina de Segurança Nacional, promulgada em 1966. Tidas pelo autor como inconciliáveis, o recorte temporal segue até o fim da Guerra das Malvinas, quando a Argentina volta a ser democrática, em 1983. Para Poczynok, a transformação dos serviços de inteligência durante a ditadura militar, saindo de coleta de informações contra agentes externos para uma orientação doméstica como instrumento da repressão dos

governos autoritários, contribuiu para uma perda da capacidade de atuação na efetiva defesa nacional portenha.

Já Anzelini (2017) polemiza sobre qual deveria ser o papel das Forças Armadas da Argentina na contemporaneidade. Se, nos anos da década de 1980, o grande esforço era subordinar a caserna ao controle político-civil, esforço cujo resultado foi, para o autor, já plenamente logrado, hoje o desafio seria o redirecionamento da principal atividade das Forças de uma orientação para a guerra entre Estados para uma guerra contra ameaças de origem não estatal, como o narcotráfico e o terrorismo – o que o autor é contra. Para Anzelini (2017), o discurso acadêmico e político a favor dessa mudança, ainda que travestido de argumentação técnica, seria, na verdade, uma escolha político-ideológica por atores do/ligados ao governo de Mauricio Macri. A natureza do sistema internacional e regional não teria se alterado de maneira suficiente para justificar a mudança do perfil principal de atuação das Forças Armadas argentinas.

Atravessando a fronteira e voltando o foco para o Brasil nos dois artigos seguintes, Cunha e Migon (2017) avaliam os cursos brasileiros de pós-graduação em Ciências Militares, enquanto Ribeiro (2017) desenvolve um estudo direcionado para a segurança hídrica do país.

A evolução dos Estudos Militares enquanto campo de conhecimento científico, com um foco na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), é o objeto de Cunha e Migon (2017). Neste relato histórico, os autores trabalham não apenas a formação da ECEME e dos estudos ligados ao Comando do Estado-Maior brasileiro junto às próprias academias militares, mas descrevem também o processo de adaptação que tais programas precisaram passar para atender às demandas de adequação exigidos pelas instâncias superiores de educação no Brasil, a fim de se inserirem no sistema educacional brasileiro como um todo.

Ainda com temática brasileira, Ribeiro (2017) trata da segurança hídrica do país pela perspectiva geopolítica. Seu viés crítico das políticas ambientais do Brasil é apresentado através de dois eixos: um vertical, do plano doméstico da segurança hídrica; e um horizontal, do plano internacional da segurança hídrica, o qual parte da geopolítica do meio ambiente. O autor conclui que o Brasil precisa promover uma gestão correta de seus recursos, sob risco de prejudicar o desenvolvimento nacional.

Mudando o eixo temático dos artigos para o continente asiático, Santos (2017) discorre sobre o interesse geoestratégico e a disputa política do Mar do Sul da China entre os atores da região, com enfoque em um possível conflito entre os Estados Unidos da América (EUA) e o gigante asiático pela disputa da predominância político-militar sobre a região. O autor apresenta que a emergência do Direito Internacional Marítimo não

foi suficiente para aplacar as possíveis contendas, e que a crescente demanda por novas soluções é um indicador de instabilidade e de possível enfrentamento militar.

Se Santos (2017) se debruça sobre a República Popular da China, Oliveira (2017) busca compreender o seu adversário mais tradicional na região. A autora discorre sobre a crescente militarização do Japão, partindo de quatro variáveis analíticas: a parceria estratégica com os Estados Unidos; a organização e funções de suas forças de defesa; a remilitarização crescente desde o início deste século; e as instabilidades regionais no seu entorno geoestratégico. No entanto, para Oliveira (2017), a desconfiança gerada pelo expansionismo japonês até o final da Segunda Guerra Mundial ainda persiste, apesar dos esforços que lhes foram impostos ou autopromovidos desde 1945.

No último artigo dessa edição, Lopes, Azevedo e Campos (2017) sugerem a existência de uma relação direta entre a teoria do neoeurasianismo, proveniente da geopolítica, e a política externa dos EUA para com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) durante o período da Guerra Fria. Enquanto os Estados Unidos eram uma potência marítima, a URSS era uma potência terrestre, o que, segundo os autores, é um dos motivos existentes para explicar a oposição entre os Estados e a própria consolidação da bipolaridade no período mais tenso da história da humanidade.

Este número se encerra com quatro resenhas, a maior parte resultado da chamada feita pela RBED para avaliar os livros lançados durante o IX ENABED, em Florianópolis (SC), em 2016. A primeira delas é do livro “Como Pensam os Militares – A Construção Social da Subjetividade dos Militares” (Ed. Baraúna, 2016), de Delano T. Menezes, em resenha de Piffer (2017). O livro versa sobre a desconstrução de uma visão monolítica dos militares brasileiros, discorrendo sobre a cultura de cada uma das três Forças.

A segunda resenha, de Teixeira (2017), é sobre o livro “Poder Aéreo – Guia de Estudos” (Ed. Luzes, 2014), de Carlos Eduardo Valle Rosa, que busca apresentar um guia para a compreensão dos conceitos, doutrinas e teorias a respeito do uso de aeronaves na atividade militar.

Já Martins (2017) contribui com uma resenha de “Sobe e Desce – Explicando a Cooperação em Defesa na América do Sul” (Ed. UnB, 2015), de minha autoria, onde busquei tratar de elementos teóricos para explicar a cooperação em defesa, tendo a América do Sul como estudo de caso.

Por fim, Marques de Saes (2017) avalia a obra “La Dernière Bataille de France: Lettre Aux Français qui Croient Encore Être Défendus” (Ed. Gallimard, 2015), de Vincent Desportes, onde o general francês lança um alerta sobre as baixas capacidades da França de garantir a sua defesa frente às ameaças contemporâneas.

Agradeço, em nome de todo o Comitê Editorial da Revista Brasileira de Estudos de Defesa, a todas(os) as(os) autoras(es) pelo envio das obras para a nossa revista, a todas(os) pareceristas, que contribuíram para este número avaliando, em duplo cego, todas as obras que aqui saem publicadas e, acima de tudo, a todas(os) as(os) leitoras(es), que seguem como a razão fundamental de existência, crescimento e consolidação da RBED.

Uma boa leitura a todas(os)!

**Lucas Pereira Rezende**

Editor-Chefe da Revista Brasileira de Estudos de Defesa

## REFERÊNCIAS

Anzelini, Luciano. 2017. ¿Fundamentos técnicos o tamices ideológicos? Reflexiones sobre la misión principal de las Fuerzas Armadas argentinas. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 4, n. 1, 103-125.

Cunha, Rafael Soares Pinheiro da; Migon, Eduardo Xavier Ferreira Glaser. 2017. Ensino de Pós-Graduação no Brasil – As Ciências Militares. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 4, n. 1, 127-153.

Dall'Agnol, Augusto César; Dornelles Jr., Arthur Coelho. 2017. Classificação de Guerras: a Problemática das (In)Definições. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 4, n. 1, 45-58.

Lopes, Sergio Roberto G.; Azevedo, Beatriz M.; Campos, Fred L. S. 2017. Neo-Eurasianismo, Geopolítica e a Política Externa dos EUA à URSS durante a Guerra Fria. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 4, n. 1, 229-251.

Marques de Saes, Guillaume Azevedo. 2017. Resenha do livro “La Dernière Bataille de France: Lettre Aux Français qui Croient Encore Être Défendus” (Ed. Gallimard, 2015), de Vincent Desportes. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 4, n. 1, 267-270.

Martins, Alexandre de Oliveira. 2017. Resenha do livro “Sobe e Desce – Explicando a Cooperação em Defesa na América do Sul” (Ed. UnB, 2015), de Lucas Pereira Rezende. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 4, n. 1, 263-265.

Nascimento, Marta Sianes Oliveira do; Fialho, Ivan. 2017. A Atividade de Inteligência no Ministério da Defesa – Uma Proposta de Reforma. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 4, n. 1, 17-43.

Oliveira, Alana Camoça Gonçalves de. 2017. O Poder Militar do Sol Nascente – O Japão, a Militarização e o Entorno Regional. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 4, n. 1, 203-228.

Piffer, Marcus Vinícius Pinheiro Dutra. 2017. Resenha do livro “Como Pensam os Militares – A Construção Social da Subjetividade dos Militares” (Ed. Baraúna, 2016), de Delano T. Menezes. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 4, n. 1, 255-258.

Poczynok, Iván. 2017. Doctrinas de Guerra e Inteligencia Militar en la Argentina (1948-1983). *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 4, n. 1, 83-102.

Ribeiro, Sidnei Lopes. 2017. Considerações Iniciais sobre a Segurança Hídrica do Brasil. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 4, n. 1, 155-180.

Santos, Wagner. 2017. Um Mar de Problemas – Interesses Estratégicos e a Luta pelo Poder no Mar do Sul da China. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 4, n. 1, 181-201.

Silvestre, Cristiano Armando Diniz Guerra; Winand, Érica Cristina Alexandre. 2017. Entre Puentes y Muros – El Consejo de Defensa Sudamericano y las Identidades Estratégicas de Brasil y Argentina. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 4, n. 1, 61-82.

Teixeira, Anderson Matos. 2017. Resenha do livro “Poder Aéreo – Guia de Estudos” (Ed. Luzes, 2014), de Carlos Eduardo Valle Rosa. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, v. 4, n. 1, 259-261.